

# PROJETO DE PESQUISA SOBRE O ANTISSEMITISMO: A IDÉIA DO PROJETO<sup>1</sup>

*Max Horkheimer e Theodor W. Adorno*  
(com a colaboração de Leo Löwenthal e Franz Neuman)  
Tradução: Deborah Christina Antunes<sup>2</sup>

## O CARÁTER ESPECÍFICO DO PROJETO

A promoção da luta contra o antissemitismo tem sido, com freqüência, prosaica e sem efeito por causa de uma lacuna do conhecimento de suas raízes psicológicas, tanto individuais quanto sociais. A despeito dos muitos trabalhos excelentes escritos sobre o assunto, o antissemitismo ainda é considerado muito casualmente e visto muito superficialmente, mesmo por aqueles afetados diretamente por ele. Para muitas pessoas o antissemitismo não é nada mais que uma aberração deplorável, uma falha dentro da Idade das Trevas; e enquanto sua presença é incompreensível naquelas nações da Europa Central e Oriental cujo *status* do pós-guerra tornou impossível o alcance permanente da democracia, ele é visto no todo como um elemento estranho ao espírito da sociedade moderna. A partir desse ponto de vista, segue-se logicamente que o antissemitismo é um anacronismo, incapaz de obter o

---

<sup>1</sup> Texto traduzido a partir do original escrito em inglês, publicado pela primeira vez na revista “Studies in philosophy and social science” de 1941, e retirado aqui de: ADORNO, T.W. *The stars down to Earth and others essays on the irrational in culture*. New York: Routledge, 1994, p. 135-171. Uma versão traduzida para o alemão está presente em HORKHEIMER, M. *Gesammelte Schriften*– Band 4: Schriften 1936-194. As referências bibliográficas seguiram as indicações das notas de rodapé em Adorno (1994).

<sup>2</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Bolsista Capes.

domínio do mundo inteiro. Isso não é verdade. O ódio aos judeus, a despeito da proclamação dos direitos humanos durante os períodos mais progressistas e nos países mais progressistas, nunca foi realmente superado e é capaz de irromper novamente a qualquer momento.

O propósito desse projeto é mostrar que o antissemitismo é um dos perigos inerentes em toda a mais recente cultura. O projeto irá combinar pesquisas histórica, psicológica e econômica com estudos experimentais. Muitas hipóteses novas serão apresentadas, as quais são resultados de estudos anteriores do Instituto, assim como as de que o pensamento progressista moderno tem uma atitude ambivalente a respeito do conceito de direitos humanos, que a perseguição dos aristocratas na Revolução Francesa assemelha-se ao antissemitismo na Alemanha moderna, que os estrangeiros, mais que as massas alemãs são os expectadores para quem os massacres alemães são feitos, e assim por diante.

Mais concretamente, o projeto irá analisar o pensamento representativo da mais recente literatura européia e de eventos históricos específicos, a fim de revelar as raízes profundas do antissemitismo, e uma série de experimentos irão revelar os padrões característicos do antissemitismo, a fim de torná-lo mais facilmente reconhecível em países em que ele é agora amplamente latente.

Uma forte objeção poderia ser lançada contra um tratamento científico do antissemitismo. Ao lidar com os mecanismos profundos do antissemitismo não se pode evitar mencionar coisas que não são totalmente atribuíveis aos judeus. Nós estamos pensando especificamente em nosso tópico, o chamado traço de caráter dos judeus e a gênese desses traços. Poder-se-ia levantar o ponto de que os propagandistas antissemitas usariam indevidamente esses e outros resultados da nossa pesquisa.

Nós não compartilhamos esse ponto de vista. O medo de que a verdade possa também ser usada para o mal não deveria nunca paralisar a energia necessária para descobri-la em sua totalidade, especialmente em tais problemas vitais. O costume crescente de suprimir elementos importantes da verdade pelas chamadas razões táticas tem levado a pontos mais e mais perigosos. Isso facilmente leva a um otimismo que se satisfaz por tomar os conceitos gerais assim como os direitos do homem, progresso, esclarecimento, etc., sem

conceber que na fase presente da sociedade esses conceitos tendem a se tornar meras frases, exatamente como os advogados fascistas da perseguição cinicamente denunciam.

Além do mais, é excessivamente importante para a luta contra o antissemitismo que aqueles círculos progressistas judeus e não-judeus, que mesmo atualmente fecham seus olhos para a gravidade do problema, sejam atingidos por uma demonstração científica de suas causas subjacentes. Eles devem ser libertados da crença errônea de que o antissemitismo existe apenas onde ele é abertamente expressado, para a de que ele encontra refúgio mesmo nos corações dos mais nobres dos homens. Para impulsionar os judeus que se sentem atingidos pelos sinceros protestos contra os massacres alemães feitos por muitas personalidades importantes nesse e em outros países, é menos importante analisar as afirmações de Julius Streicher que a correspondência de Voltaire e outros filósofos do Iluminismo. Assim como o antissemitismo existe como uma constante ocorrência na vida social, sua influência alcança todos os grupos da população e pode ser sempre despertada pela propaganda apropriada.

## **DIVISÕES DO PROJETO**

### **SESSÃO 1 – TEORIAS CORRENTES SOBRE O ANTISSEMITISMO**

As teorias tradicionais sobre o antissemitismo, das quais poucas serão mencionadas aqui, se dividem em dois grupos: o racionalista e o antissemita.

(a) Entre as teses racionalistas, as seguintes merecem menção especial:

(1) “Absolutamente não há de fato antissemitismo”. Ou seja, não há reações psicológicas reais que poderiam ser consideradas como primariamente antissemitas. Todo antissemitismo é artificialmente construído e propagado como uma manobra para engano da massa, seja por causa de irreflexão ou exploração. As reações antissemitas das massas foram meramente inventadas. Nesse sentido, essa teoria está mais intimamente relacionada à idéia sustentada por muitos iluministas que denunciaram a religião como mero “artefato do clero”. Na visão dela, ele é muito superficial. Ela negligencia o fato de que as

próprias reações antissemitas atuais realizam uma decidida função social e psicológica. Na luta contra o antissemitismo nós não podemos nos contentar em apenas mascará-lo como mera ideologia, mas devemos chegar até a raiz de seus elementos que são genuínos. Entre eles, os aparentemente irracionais, as idiossincrasias, são preeminentes.

(2) A tese apologética de que todas as objeções aos judeus levantadas pelos antissemitas são mentiras e invenções – uma tese intimamente relacionada àquela acima. O descrédito de apologias baratas é de central importância no projeto. É necessário analisar as qualidades eleitas dos judeus que eliciam o antissemitismo a fim de descobrir quais delas tem uma base na realidade e quais são inventadas. A “inferioridade”, que é quase sempre mencionada em sua conexão atualmente<sup>3</sup>, é uma ilustração daquela categoria, embora não a mais importante. As qualidades as quais os antissemitas constantemente se referem com aparente justificativa não podem ser compreendidas como constantes naturais, como leis biológicas eternas; elas devem ser entendidas como traços de caráter que podem desaparecer junto com as condições que deram vazão a elas, como seu desaparecimento em alguns países já indica.

(3) A tese sociológica formal reduz o ódio aos judeus e às suas qualidades específicas às categorias gerais de estranhamento<sup>4</sup>. Isso presume a coesão nacional dos judeus e a aderência tenaz de sua parte à sua religião. Essa tese, como as precedentes, é apenas um lado da verdade, particularmente aplicável a características mais antigas do antissemitismo.

(4) A teoria da inveja sustenta que o antissemitismo está enraizado na inteligência e eficiência superior dos judeus. Por causa de suas qualidades excepcionais os judeus alcançam altas posições em todos os campos, então provocam o ressentimento do desvantajado material e psicologicamente. Essa tese é muito racionalista, psicologicamente falando. Ela supõe que o antissemitismo é causado por experiências e considerações totalmente

---

<sup>3</sup> Adorno cita as teses de Levinger (1925), publicadas posteriormente como “Anti-semitism in the United States; its History and Causes. New York, Bloch, 1925. Reimpressa por Greenwood Press, 1972.

<sup>4</sup> Por exemplo, o discurso de Simmel sobre o estranho em sua “Sociologia”, Lipzig, 1908 (Simmel, 1950).

conscientes, quando, na realidade, tais considerações exercem uma função relativamente pequena. O elemento de inveja é de tal importância, em uma forma perversa ou lasciva (por exemplo, a suposição da inferioridade física psicológica e social dos judeus) pior que de uma forma direta. Mais detalhes sobre a inveja consciente e inconsciente dos judeus serão desenvolvidos na sessão tipológica.

(5) O antissemitismo é o “socialismo dos tolos”. Essa teoria nasceu através dos sociais-democratas (Bebel). Ela implica que a classe média baixa em áreas metropolitanas e rurais considera a destruição de seus credores e concorrentes judeus como o modo mais fácil de acabar com sua desgraça econômica. Essa interpretação econômica contém alguma verdade também, mas deve ser complementada pela análise dos mecanismos psicológicos que tornam mesmo essas partes das massas que não são totalmente dependentes dos negócios judeus particularmente suscetíveis à propaganda antissemita.

(b) Finalmente, existem as atuais teorias antissemitas, particularmente a tese de que os judeus são, por natureza, extremamente revolucionários e tem provido um grande número de líderes do movimento trabalhista. O grau de verdade dessa visão pode ser checado apenas por uma comparação cuidadosa das histórias e condições sociais de países diferentes. Uma análise similar será feita da tese paralela de que os judeus são extremamente capitalistas. O trabalho de Sombart, que traz uma delicada veia pró-semita, tem promovido essa considerável visão. Ele já insinuou isso na equação Nacional Socialista, capitalista-liberal-democrático, assim como no mito do poder do dinheiro judeu.

## **SESSÃO 2 – ANTISSEMITISMO E MOVIMENTOS DE MASSA**

Nessa sessão não se pretende descrever uma história do antissemitismo. Seu objetivo é revelar, por meio de eventos históricos selecionados, um conjunto de tendências sócio-psicológicas que são características do antissemitismo como um todo. Essas tendências não são manifestadas exclusivamente por surtos antissemitas; a estrutura básica delas pode ser vista em atividades que têm sido dirigidas também contra outros grupos sociais. A recorrência de punição e

destruição através da mais recente história lança alguma luz sobre traços de caráter destrutivo que permanece latente em grande parte da população até durante períodos “silenciosos”. Geralmente, é negligenciado que o Nacional-Socialismo dos dias atuais contém potencialidades que têm estado dormentes não apenas na Alemanha, mas também em muitas outras partes do mundo. Muitos fenômenos familiares em países totalitários (por exemplo, a função do líder, encontros de massa, confraternização, entusiasmo embriagado, o mito do sacrifício, o desprezo do indivíduo, etc.) só podem ser compreendidos historicamente – isso é, desde as fundações de toda a história moderna. Nessa sessão, fatos relativamente bem conhecidos serão tratados contrastando-os novamente com descrições de problemas correntes de antisemitismo, e mecanismos socio-psicológicos que ainda são efetivos serão analisados.

### (A) A PRIMEIRA CRUZADA

Os líderes populares sob os quais massacres foram cometidos geralmente apresentam características ascéticas. Tem-se apenas que pensar em Pedro de Amiens, os sacerdotes Gottschalk e Volkmer, e outros pregadores. O papel de tais *slogans* também é característico. No momento, a súplica “Deus deseja isso” apoderou-se de toda a Europa (compare com a súplica do Nacional-Socialismo, “Alemanha acorda!”). As massas seguiram aquele *slogan*, sentindo-se elas mesmas parte de uma comunidade mística cheias da certeza do perdão por seus pecados. Apostar a vida e a felicidade individual de alguém pouco importou (compare com a doutrina Nacional-Socialista da não importância do indivíduo e a ridicularização do egoísmo). Todo mundo subordinou a si mesmo à “grande idéia”. A aniquilação dos habitantes de todas as províncias pelos entusiasmados cruzadores era fortificada pela asserção que a ação era direcionada contra os inimigos do grande líder, bastante similar aos expurgos dos nacional-socialistas. Os descrentes incluíam não apenas os turcos e sarracenos, mas também os judeus e outros que as massas poderiam derrotar e saquear. Algo que, segundo alegações, foi enfraquecido por um

longo período, deve sempre ser libertado a fim de servir como racionalização pela fúria que explode em tais ações – até a santidade do sepulcro sob a tumba do pagão, ou a Alemanha sob o tratado de Versalhes. A significância psicológica de tais ideologias para as massas será explicada.

## **(B) A CRUZADA ALBIGENSE**

Na cruzada contra os albigenses, um líder clérigo, Arnold de Citeaux, novamente ocupou um primeiro lugar. Nenhuma distinção foi feita entre cristãos heréticos e judeus. Ambos foram golpeados pela mesma fúria. A guerra foi uma tentativa da velha burocracia da Igreja, que estava sendo reorganizada, de eliminar os burgueses emergentes. (Semelhantemente, na inserção do Nacional-Socialismo aos primeiros anos de suas regras, 1927-1931, os antigos poderes, *Junkers*, sessões dos grupos de escritório, clérigos protestantes, empregados civis, e industriais falidos se reorganizaram contra a jovem república democrática). O caráter político da guerra contra os albigenses também se manifesta no fato de que crença não importa muito aos cavaleiros da cruzada. Muitos católicos foram mortos entre protestantes e judeus. Eles também pertenciam ao sul progressivo no comércio e nos ofícios. A falta de interesse sobre diferenças na ideologia é característica de tais insurreições. Isso revela o fato de que a luta contra heresias ou elementos criminosos é apenas um pretexto para tendências econômicas e sócio-psicológicas mais subjacentes.

## **(C) O ENGODO JUDEU NA INGLATERRA DOS SÉCULOS XI E XII**

Durante as cruzadas e a primeira guerra contra os albigenses, massacres se propagaram pela Alemanha, França e pelo Leste. Na Inglaterra, Ricardo Coração de Leão originalmente mostrou tendências não antissemitas, ele de fato protegeu os judeus. Mas clérigos populares, especialmente os Arcebispos da Cantuária, Thomas Becket e Baldwin, fizeram sua aparição como líderes antissemitas. As pessoas que se ajoelharam diante de Thomas Becket foram

capturadas pela paixão cega coletiva (compare com o entusiasmo intoxicado nos encontros de massa modernos). A conexão entre um tipo especial de culto ao líder, fraternização da massa, e massacres é um dos objetos sócio-psicológicos mais importantes da investigação. Na Inglaterra, que foi tocada pela onda antissemítica cem anos antes do que o continente, as mentes saudáveis e resistentes exibidas primeiro pelas Ilhas Britânicas não impediram os mecanismos que impelem o antisemitismo. O canal não tem barreiras contra o contágio social.

#### **(D) A REFORMA**

Durante o tempo da Reforma os judeus não foram perseguidos junto com os heréticos, como eles foram durante a guerra contra os albigenses, mas com os católicos. Exatamente como monges e freiras foram acusados de guardar tesouros secretos em seus mosteiros e viciarem-se em práticas não naturais, os judeus foram repreendidos por crimes secretos assustadores e em acréscimo às suas cerimônias supersticiosas (compare com a situação presente na Alemanha contra as moradias judaicas e acusações de vício sobre clérigos católicos). A condução repressiva da população, levada pelos reformistas à disciplina interna e ao medo da consciência, sortiu efeito nas invenções sobre católicos e judeus.

Existem pessoas jovens que, acompanhando seus anciãos, perderam seus modos em igrejas e mosteiros, destruíram obras de arte e zombaram de pastores durante seus sermões. Novamente foram principalmente pessoas jovens que deleitaram os judeus em caricaturas (compare com o papel dos jovens nos chamados anos de luta pelo Nacional-Socialismo).

Em Martin Luther o arsenal antissemítico está totalmente equipado. O Luther antirracionalista compara razão com uma besta selvagem e com uma pervertida<sup>5</sup>, e junta os judeus com prostitutas. Hitler proíbe discussões entre nacional-socialistas e membros de outras raças; Luther (1936, p. 63)

---

<sup>5</sup> Luther (1936, p. 94-5).

disse, “Não discuta muito com judeus sobre itens da nossa luta”. Luther queria os judeus fora da Alemanha.

“País e ruas estão abertos para eles então eles poderiam se mover no país se eles quisessem. Nós daremos presentes a eles, com prazer, a fim de nos livrarmos deles porque eles são uma carga pesada, como uma praga, peste e desgraça em nosso país” (Luther, 1936, p. 187).

Suas sugestões concretas, no entanto, não advogavam dar a eles presentes e deixá-los ir. Assim é como eles vão:

“e remova deles todo seu dinheiro e jóias de prata e ouro, e coloque isso de lado, para ser guardado” (Luther, 1936, p. 191).

“Que nas mãos dos judeus e judias jovens e fortes sejam colocados palmatórias, machados, picaretas, pás, fusos e espetos, e deles sejam os feitos para obter seu próprio pão pelo suor de seus rostos [Luther diz literalmente de seus narizes] como é colocado nos ombros das crianças de Adão” (Luther, 1936, p. 193).

“Que suas sinagogas ou escolas sejam queimadas” (Luther, 1936, p. 189).

“Que suas casas sejam desmanchadas e destruídas (...) eles sejam colocados em uma cobertura ou estábulo, como os ciganos, a fim de deixá-los saber que eles não são mais senhores em nosso país como eles se auto intitulavam, mas na miséria e prisão como eles incessantemente lamentam e reclamam para Deus sobre nós” (Luther, 1936, p. 190).

“Que seu direito de escolta nas ruas seja abolido totalmente. Por eles não terem nada o que fazer no país porque não são nem nobres nem oficiais nem comerciantes, nem qualquer coisa desse tipo, e eles devem ficar em casa” (Luther, 1936, p. 191).

## **(E) A REVOLUÇÃO FRANCESA**

Tendências sociais, que são similares naquelas revoltas populares que tem um caráter antissemita, podem ser encontradas na Revolução Francesa. O antissemitismo é promovido dentro de um pano de fundo pela ideologia especificamente igualitária. Os objetos do terror são aristocratas que,

significativamente o suficiente, são estigmatizados como uma raça. Medidas legislativas, agitações, e revoltas populares contra a aristocracia sustentam comparação com as revoltas racionais de nosso tempo. Existe um número de acusações contra os aristocratas que corresponde às agressões comuns contra os judeus – evitar trabalho, caráter parasita, luxúria, vício, conexões internacionais, eles alegam que são escolhidos, etc. Técnicas similares podem ser encontradas nos encontros de massa da Revolução Francesa e no tempo presente – falas dos líderes, o poder dos sub-líderes nas províncias, temor de espíões e traidores, escândalos de corrupção, a prática da denúncia, ações da massa alegadamente espontâneas, ódio do capital bancário, ódio dos estrangeiros, e cultos bárbaros. A despeito de seus objetivos diametralmente opostos, o nacional-socialismo tem mais em comum com a Revolução Francesa do que é geralmente assumido.

## (F) GUERRAS DA INDEPENDÊNCIA DA ALEMANHA E OUTRAS REVOLTAS ALEMÃS

Nas guerras da independência da Alemanha em 1813-1915 e nas revoltas posteriores, muitos fatores do Nacional-Socialismo são anunciados. O entusiasmo das cidades livres e dos principados alemães para revogar a emancipação alcançada durante o governo napoleônico corresponde ao desejo nacional-socialista de vingar os “quatorze anos de desgraça”, isso é, a República de Weimar na qual os judeus realmente conseguiram direitos civis totais. Nos movimentos de emancipação dos burgueses alemães, as universidades combinaram antissemitismo com a ideologia alemã de liberdade. A relação próxima entre protestantismo alemão, pragmatismo germânico, socialismo comunitário, e ideais alemães de governo unitário se torna óbvia. A queima de livros apareceu nesse período. Livros designados pelos chamados jornais democráticos como não patriotas (por exemplo, o código de Napoleão), e escritos de autores judeus foram lançados às chamas com o clamor “Morte aos judeus”. Em Würzburg, Karlsruhe, Heidelberg, Darmstadt, e Frankfurt, casas judias foram marcadas e os habitantes maltratados. Tudo isso ocorreu sob *slogans* liberais e patrióticos.

O movimento das pessoas “esclarecidas” é também encontrado na Holanda e na Escandinávia. Metternich e governos conservadores tiveram que tomar medidas fortes contra as massas supostamente democráticas. Os mais distantes dos pensadores alemães observadores, por exemplo, Goethe, Schelling e Hegel, permanecem contra os “liberais” e no lado dos “reacionários”.

### **SESSÃO III – ANTISSEMITISMO NO HUMANISMO MODERNO**

Durante o chamado esclarecimento, época dos últimos 200 anos, nenhuma parte da população esteve livre do antissemitismo.

Algumas indicações de uma natureza antissemita podem ser encontradas mesmo em trabalhos campeões de tolerância e humanismo. É importante investigar se as passagens que lidam com os judeus propagam uma ambivalência por meio do conceito universal de amor ao homem, a despeito do fato de que os autores apresentem tal conceito de modo completamente sincero. É também importante investigar a relevância das porções menos expostas dos trabalhos da maioria dos escritores que “defendem” os judeus. Nós devemos, finalmente, descobrir se em um momento não esperado eles traíram o fato de que seu pró-semitismo não esconde um profundo sentimento de alienação.

Prova de tais contradições que existem no indivíduo na sociedade moderna pode ser particularmente importante para a avaliação das muitas declarações indignas contra o antissemitismo. Tais declarações são perigosas no que elas poderiam facilmente levar à crença errônea que o antissemitismo desapareceu, ao menos entre pessoas educadas.

As contradições que podem ser encontradas mesmo com os mais sinceros proponentes do ideal humanitário poderiam lançar luz no *status* de parcelas reacionárias e deseducadas da população. Se ambivalência é apresentada nas personalidades mais progressivas, ela estará de modo mais aguçado em todos os indivíduos menos esclarecidos e aculturados. Alguns exemplos aleatórios seguem na esperança que eles tornem claro o que está obscurecido por essas contradições no trabalho de grandes pensadores.

## (A) O ILUMINISMO FRANCÊS

*Voltaire*. Seu nome é um símbolo do iluminismo filosófico e da liberdade burguesa. Ele, mais que qualquer dos seus contemporâneos, reconheceu o sofrimento dos judeus e as injustiças cometidas contra eles. Seus ataques sobre a história bíblica das pessoas judias são de fato direcionados contra a crença da Igreja Cristã. O Antigo Testamento era um ponto um tanto vulnerável no dogma da Igreja porque, ao contrário das maravilhas do Novo Testamento, não estava bem protegido pela autoridade da Igreja e removido do pensamento profano, mas foi deixado amplamente à mercê do pensamento profano; ao mesmo tempo, ele tem um papel no cânone das Escrituras Sagradas, e o desencantamento das maravilhas do Antigo Testamento lança sua luz diretamente naquelas do Novo. Pode-se dizer que os ataques de Voltaire contra o Antigo Testamento, na medida em que eles não são realmente direcionados aos judeus, mas contra o dogma cristão que impediu a emancipação dos judeus, beneficiaram o último indiretamente. Todavia, talvez nem mesmo Voltaire estava livre do preconceito antissemita. No “*Essais sur les mœurs*” (capítulo 103)<sup>6</sup> ele diz que se está

assombrado pelo ódio e desprezo que todas as nações tem mostrado continuamente pelos judeus; essa atitude é o resultado necessário da lei judaica. Mesmo eles devem subjugar tudo, ou devem eles mesmos ser lançados na poeira... Mais tarde, quando seus olhos forem abertos um pouco mais pelas nações vitoriosas, que ensinaram a eles que o mundo era mais amplo do que eles acreditaram, sua própria lei os tornou tolos naturais dessas nações, e finalmente de toda a raça humana.

“Eu sei”, ele diz em uma carta,

---

<sup>6</sup> Voltaire (1963), traduzido por T. Nugent como “An Essay on Universal History and the Manners and Spirit of Nations”. London, 1759.

que alguns judeus vivem em colônias inglesas. Esses vigaristas vão onde quer que o dinheiro possa ser produzido, como os persas, os banians, e os armênios... Mas se esses israelitas circuncidados que vendem calças velhas aos selvagens voltarem, eles mesmos, às tribos de Naphtalimuch ou Isaac, não faz qualquer diferença. De qualquer modo, eles são os maiores canalhas que já existiram na face da Terra. (Voltaire, 1975).

## **(B) FILOSOFIA ALEMÃ**

*Herder*: Ele foi o autor das cartas para a promulgação do humanismo. Conscientemente ele sempre defendeu o humanismo e a justiça. Sua glorificação da poesia hebraica parece protegê-lo de qualquer suspeita de antissemitismo. Mas existem passagens que poderiam nos levar a acreditar que existe também um Herder totalmente diferente. Ele diz em “*Adastraea*”, v. 7 (Convenção para os Judeus) que as declarações de Luther sobre os judeus eram abertamente muito cruéis, de acordo com seu tempo.

Elas foram reafirmadas em tal grau em torno do final do último século, desde quando alguns pais de família judeus tentaram se associar e afiliar a uma Igreja Cristã recém construída e esclarecida, ninguém deu muita atenção a eles.

Ele não considera razoável falar muito sobre direitos humanos quando afrontado com pontos concretos do problema judeu:

Como o negócio dos judeus foi conhecido por mais de três mil anos, a influência que ele tinha e imutavelmente ainda tem sobre o caráter daquelas pessoas se mostra através de sua história. Por que então aquelas mais distantes discussões, buscadas ao longe, por exemplo, sobre os direitos da humanidade, se a questão é apenas essa: A quantos desses

---

<sup>7</sup> Herder, (1968, p 61-75).

estrangeiros será admitido que conduzam isso, seus negócios, nesse Estado Europeu, em detrimento aos nativos? Sob que condições? Com quais limitações? Sob a supervisão de quem? Para, infelizmente, a história produzir provas tristes que um número ilimitado deles corrompe um Estado Europeu, particularmente aquele que é mal-organizado. Não os princípios humanitários em geral, mas a constituição da nação na qual os judeus prosseguem suas profissões, respondem essas questões.

Herder expressivamente decreta contra outros países que espelhem suas atitudes no tratamento dos judeus na Holanda, no momento um país progressista.

*Kant*: De acordo com Kant, é uma questão incondicional considerar todo homem não como um meio, mas como um fim. Por “fim” Kant se refere à posição do homem de estima porque ele é um ser livre, autônomo, e racional. Suas observações sobre os judeus, no entanto, não parecem em todo de acordo com seu postulado da razão prática. A contradição em relação ao seu princípio de moral é evidente; é impossível melhorar os judeus.

Os palestinos que vivem entre nós, mesmo a maioria deles, tem merecido a reputação não infundada de desonesto por causa de suas mentes avarentas. Parece estranho pensar em uma nação de avarentos. Mas é exatamente tão estranho quanto pensar em uma nação de comerciantes... reconhecidos pelo Estado, que não recebe qualquer honra cívica, deseja recompensá-los por suas perdas, colocando as pessoas sob aquela proteção em que vivem, e mesmo um ao outro... Em vez de o plano inútil de “moralizar” essas pessoas em respeito à fraude e à honestidade, eu preferiria professar minha hipótese... sobre aquele Estado peculiar. (Kant, 1974)<sup>8</sup>.

*Fichte*: A teoria da liberdade de Fichte, e posteriormente, de socialismo, tem certamente ou erroneamente, sido aceita, de modo entusiástico, por liberais

---

<sup>8</sup> Anthtopology, Parte k, B § 46, nota de rodapé.

e socialistas europeus. Seu rigor moral, que, como o de Kant, incita que o homem não seja julgado de acordo com o critério natural (isso é, racial), mas de acordo com seu cumprimento do dever, contudo condena os judeus:

Através da maioria dos países europeus, um Estado poderoso e hostil está se expandindo. Ele está constantemente em guerra com eles, e em alguns países isso pesa horivelmente sobre os habitantes. Eu não acredito que o povo judeu se tornou tão terrível porque ele constitui um Estado separado e rigorosamente escravizado por si próprio... mas porque esse Estado é baseado no ódio para com toda a raça humana... Não ocorre aqui para você o pensamento razoável de que judeus, os quais têm um Estado próprio sem você, destruirão você e outros habitantes sob seus saltos tão logo você dê a eles direitos civis?

Ele comenta sobre essas palavras na nota de rodapé: “Deixe a respiração contaminada de intolerância ficar longe dessas páginas, assim como está longe do meu coração”. E ainda, “Para dar direitos civis aos judeus, eu não vejo nenhuma medida além da de cortar de todos eles suas cabeças, e recolocá-los outras nas quais não tenha sobrado uma só idéia judia. Para nos proteger deles, novamente, eu não vejo outro meio a não ser conquistar sua Terra Prometida por eles a fim de enviá-los todos para lá”.<sup>9</sup>

*Hegel*: Hegel é diferenciado da maioria dos filósofos de seu tempo por sua idéia sobre a situação histórica mundial. Ele mostrou somente desprezo pelas correntes teutônicas e antisemitas nas universidades alemãs. Ele defendeu firmemente a garantia de direitos civis para os judeus. Algumas afirmações podem ser encontradas, as quais poderiam conter traços de ódio pelos judeus:

A grande tragédia das pessoas judias... pode apenas criar desgosto... O fato dos judeus é o fato de Macbeth que sobrepujou as fronteiras da própria natureza, aderiu ao heterogêneo, seres estranhos, pisoteou e assassinou em seu serviço tudo que é sagrado para a natureza humana, foi abandonado

---

<sup>9</sup> Fichte (1964).

por seus deuses (para eles eram objetos e ele era um escravo), e finalmente foi atingido, como uma consequência de suas próprias crenças.

Os judeus têm sido dirigidos ao inferno na infâmia de seu ódio. Quaisquer deles que tenham deixado atocaiar o coração permaneceram como uma lembrança. (Hegel, 1844, p. 492, 522)

De acordo com a filosofia de Hegel, pode-se dizer sobre as pessoas judias “que exatamente porque elas estavam no limiar da salvação, elas são e têm sido o maior alvo de todos” (Hegel, 1977, p. 206).

*Goethe*: Goethe não era antisemita. Pelo contrário, existem muitas observações altamente positivas em seus escritos sobre as qualidades dos judeus, sobre suas mentes práticas, sua perseverança e tenacidade. Sentenças antisemitas não são diretamente discorridas, mas como opiniões de personagens poéticos, os quais, contudo, ele freqüentemente descreve com simpatia. Característico do tempo no qual Goethe viveu é o modo no qual ele associa os pastores judeus e católicos (Goethe, 1978)<sup>10</sup>: “hábito para mágicos, judeus e pilotos do céu”. Eles “discutiram sobre se ele era um piloto ou um judeu”. Mefistófeles diz, “Apenas a Igreja, que tem declarado isso, filhas, pode assimilar a riqueza mal-adquirida”. E Fausto comenta, “Isso é um costume geral, também, praticado igualmente por rei e judeu”.<sup>11</sup> Em “*Wilhelm Meister’s Wanderjaher*” os princípios de uma comunidade utópica são descritos. Uma passagem diz: Nós não toleramos “qualquer judeu entre nós, visto que não poderíamos garantir a eles participação na mais alta cultura, cuja origem e descendência eles negam?” (livro III, capítulo XI). Goethe escreve na “*Swiss Journey*”: “As pessoas lá são verdadeiramente polidas, e em seu comportamento mostram um modo de pensar quase burguês, naturalmente bom. Judeus não são tolerados lá”.

Tal análise encontra-se ao fundo do julgamento de *Treitschke* do antisemitismo através da história da mente alemã. “De Luther até Goethe,

<sup>10</sup> “*Wilhelm Meister’s Lehrjahre*” (livro II, Capítulos VI e XI).

<sup>11</sup> Goethe (1886), verso 2839.

Herder, Kant e Fichte, quase todos os grandes pensadores alemães concordam nesse sentimento. Lessing, com sua predileção pelos judeus, era bastante singular” (Treitschke, 1975, p. 104). O único dentre os mais recentes escritores que se parecia com Lessing era Nietzsche. (Nós não damos quaisquer exemplos de afirmações pró-semitas aqui. No próprio estudo, nós lidaremos extensivamente com a atitude positiva de Nietzsche para com os judeus.).

Tal inconsistência como pode existir entre a declaração concreta sobre os judeus e o ideal humanitário do qual os indivíduos seriam apenas parte das contradições universais entre a realidade terrível da sociedade moderna e o sonho de harmonia entre toda humanidade. O último foi conscientemente proclamado por todos os pensadores acima. Eles devotaram todos os poderes espirituais a sua disposição para isso. Eles foram enraizados, contudo, na realidade de seu ambiente; seus impulsos, suas simpatias íntimas, e aversões derivaram dele.

### **(C) ROMANCE FRANCÊS**

Não importa quão energicamente Zola, o defensor do Capitão Dreyfus, lutou contra o ódio aos judeus, elementos podem ser encontrados em seus próprios trabalhos nos quais poderiam ser classificados como idênticos ao antissemitismo oficial. Em seu romance, “L’Argent”, Zola descreve um judeu de quem ele fala,

A saúde pública estava enfraquecida por toda fortuna crescente de um indivíduo singular. Gundermann (o judeu em questão) era, de fato, o maior, o rei todo-poderoso. Paris e todo o mundo deve temor e obediência a seus pés.

Concepções fantásticas sobre a riqueza e o poder dos judeus, sobre a frieza e a atitude calculista dos judeus, permanecem recorrentes na literatura francesa desde Balzac.

Nossas análises dessas tendências antissemitas dos filósofos e escritores não são um empreendimento para acusá-los de insinceridade subjetiva. Nosso

propósito é antes, por meio da revelação desses germes inconscientes e escondidos de antissemitismo, expor o problema em toda sua seriedade.

## **SESSÃO IV – TIPOS DE ANTISSEMITAS DA ATUALIDADE**

Muito do entendimento errôneo sobre o antissemitismo tem suas raízes na confusão sobre seus tipos muito diferentes. O sucesso de qualquer tentativa de combater o antissemitismo depende amplamente do conhecimento da gênese psicológica e social de suas várias espécies, freqüentemente indiscerníveis na vida diária. Os tipos de antissemitismo são aqui considerados dos pontos de vista histórico e psicológico.

Nós acreditamos que nós mesmos estamos salvos da incompreensão de que, conforme essa tipologia (na qual mesmo os pró-semitas são mencionados), todos os cristãos seriam antissemitas. A classificação não objetiva distribuir grandes grupos da população entre esses tipos, mas meramente formular com precisão teórica um número de extrema possibilidade de atitudes antissemitas. Nós nem afirmamos que qualquer indivíduo que apresenta quaisquer desses traços de caráter mencionados na tipologia é um antissemita meramente por causa desses traços, nem mesmo que os antissemitas atuais podem ser classificados totalmente de acordo com os princípios indicados. Na realidade os antissemitas aparecerão freqüentemente como formas combinadas e intermediárias das “possibilidades ideais” mencionadas aqui.

### **(A) O ANTISSEMITA “DE NASCENÇA”**

A qualidade básica desse tipo é a renúncia à justificativa racional. Ele reage com aparente “instinto” aos chamados traços raciais judeus – pés chatos, cheiro, nazis recurvado, acento judeu, gesticulação, etc. Sua aversão é uma reação às cicatrizes da mutilação que a história tem deixado nos judeus. Mesmo seus nomes (Itzig, Levy, Cohn) são repugnantes para ele. Ele simplesmente não pode suportar os judeus. Pode-se freqüentemente observar que esse tipo

aprecia a chamada mulher “picante” parecida com o tipo judaico se elas forem apresentadas para ele como Gentis (note o sucesso de Póla Negri com os nacional-socialistas). Essa tendência indica que o antissemitismo alegadamente natural em alguns de seus representantes é, de fato, uma supercompensação para desejos reprimidos ou inibidos.

## **(B) O ANTISSEMITA FILOSÓFICO-RELIGIOSO**

Embora esse tipo tenha desaparecido amplamente, existe ainda uma boa quantidade restante que considera os judeus como adeptos de uma religião hostil. Os judeus crucificaram Cristo. Eles permaneceram impenitentes por milhares de anos. Eles individualmente devem ter sido chamados a reconhecê-lo uma vez que foram testemunhas de sua atividade e de sua paixão, mas eles persistiram em negá-lo. Portanto, a religião judaica é equivalente em efeito à descrença absoluta. O judeu é Judas. Ele é o estranho que deliberadamente se excluiu da comunidade cristã. Ele pode compensar sua culpa pelo batismo, mas mesmo então ele merece desconfiança até que ele possa provar que ele se redimiou seriamente. Muitos cristãos descrentes ressentem a adesão tenaz dos judeus para com ritos antiquados supersticiosos. Eles sentem que ele poderia ter adotado a religião dominante por razões sociais e humanitárias e não por motivos religiosos. Essa categoria inclui muitos humanistas, Goethe, Schopenhauer, e Hegel, na medida em que eles fixam exceções para seus comentários favoráveis sobre os judeus.

## **(C) O ANTISSEMITA PROVINCIANO OU SECTÁRIO**

Esse tipo tem feito do antissemitismo um substituto para religião, como outros grupos tem o vegetarianismo, o Krishna Murti, ou qualquer outra panacéia física ou psíquica. O mundo imaginário do antissemita sectário é dominado pela noção de conspiração. Ele acredita na dominação do mundo pelos judeus; ele jura pelo ancião de Zion. Por outro lado, ele mesmo tende

a apoiar conspirações que têm muito em comum estruturalmente com as imagens que ele teme (Ku Klux Klan, etc.). Ele considera a maçonaria e outras ordens fraternais como o maior dos perigos do mundo, mas ele mesmo encontra congregações cortêses sempre que possível. Ele tem a veneração do semi-formado pela ciência e acredita que a não relação com os judeus é um tipo de cura natural para rejuvenescer homem e mundo.

#### **(D) O COMPETIDOR DERROTADO**

O lugar desse tipo no processo de produção necessariamente leva-o ao conflito com os judeus. Ele vem da classe mais baixa que é forçada a comprar dos judeus e a cair em sua dívida, dentre os donos de lojas de especialidades que são forçados a sair dos negócios pela competição com os judeus donos de lojas de departamentos, etc. Seu ódio não se detém em características específicas dos judeus, mas, ao contrário, em certas relações econômicas através das quais ele padece. A partir do fato de que esse tipo de antissemitismo tem alguma base na realidade, ele também tem certo caráter racional. Sob certas condições, portanto, ele pode facilmente desaparecer. Por exemplo, durante os últimos poucos anos na Alemanha, o Nacional-Socialismo tem sido, em grande medida, abandonado por essas pessoas (hospedeiros, comerciantes, camponeses, etc.). O progresso das condições, prometido pelas medidas antissemitas, não se materializou. Portanto, esses grupos abandonaram o antissemitismo como uma panacéia.

#### **(E) O ANTISSEMITA DE “BOA FAMÍLIA”**

Esse é o antissemitismo dos burgueses de classe alta que querem disputar a exclusividade dos aristocratas que era formalmente direcionada contra eles. Esse tipo de antissemitismo, que prevalece em todas as nações, é particularmente comum no mundo anglo-saxão. Quaisquer podem ser os elementos de verdade na razão normalmente apresentada por seus

representantes (por exemplo, a falha de alguns grupos de imigrantes em assimilar eles mesmos a suas novas imediações), a atitude como um todo é um fenômeno de imitação, similar à caça à raposa, porta de entrada de países, etc. Racionalizações são muitas. Adicionalmente aos argumentos políticos e religiosos, esses ataques aos modos judaicos são particularmente numerosos. Os judeus são supostamente barulhentos, não reservados, obstrutivos; o complexo de inferioridade deles necessita de seu esforço para lançarem a si mesmo no primeiro plano; eles são queixosos e ranzinzas; eles querem o melhor para o dinheiro remanescente. Tem-se sempre experiências lamentáveis com eles. Intelectuais judeus são tão impossíveis quanto homens de negócio judeus. Suas conversas intelectuais quebram as regras do jogo. Elas parecem com conversa de loja. Qualquer um cujas emoções são muito facilmente provocadas é desprezível. Aqui a famosa exceção, de fato, tem a função de provar a regra.

#### **(F) O ANTISSEMITA “CONDOTTIERE”**

Esse tipo surge com a insegurança crescente da existência no pós-guerra. Ele é convencido que o que importa não é vida, mas chance. Ele é niilista, não por exteriorizar um “rumo à destruição”, mas porque ele é indiferente à existência individual. Uma das reservas desse tipo é em relação ao desempregado moderno. Ele difere do antigo desempregado no que seu contato com a esfera da produção é esporádica, se existe. Indivíduos pertencentes a essa categoria não podem esperar muito para serem regularmente absorvidos pelo processo de trabalho. Desde sua juventude eles têm sido preparados para agir onde eles puderem agarrar algo. Eles são inclinados a odiar os judeus em parte por causa de sua cautela e ineficácia física, em parte por que, sendo eles mesmos desempregados, eles são economicamente extintos, com freqüência, suscetíveis a qualquer propaganda, e prontos para seguirem qualquer líder. A outra reserva, no lado oposto da sociedade, é o grupo pertencente aos profissionais perigosos, aventureiros coloniais, motoristas de corrida, azes em aeroplanos. Eles são os líderes que

nasceram do grupo antigo. Seu ideal, de fato um ideal heróico, é todo o mais sensível ao “destrutivo”, criticam o intelecto dos judeus porque eles mesmos não estão convencidos o suficiente de seus ideais no fundo de seus corações, mas desenvolveram-no como uma racionalização de seu modo de viver perigoso. As tendências antissemitas em certos grupos de movimentos alemães jovens seguem a mesma direção.

### (G) O “INSTIGADOR DO JUDEU”

Todos os tipos são potencialmente sádicos. Aqui, contudo, o antissemitismo é relativamente um pretexto fraco para a fúria reprimida. Esse tipo odeia a fraqueza alegada do humanitarismo, que marca como covardia, e que ele caracteriza como *Duselei* (sonolência ou devaneio). O que ele odeia mais que tudo é a mencionada elevada faculdade psicológica dos judeus para “curtir a vida”.

Esse tipo odeia o judeu revolucionário porque ele “quer ter o melhor”. Todavia, ele é, si mesmo, um pseudo-revolucionário, uma vez que sua fúria está basicamente na direção oposta à destruição; se bem que essa direção se contempla apenas nos excessos permitidos abaixo. Portanto, ele chama seus próprios vícios contra-revolucionários para ação, revolução, e a revolução, capitalismo. Muitas das pessoas mais radicais liquidadas por Hitler em sua expurgação e um grande número dos líderes atuais da SS estão nessa categoria. A relação desse tipo de antissemitismo com orientações sexuais, que incidentalmente tem muito em comum com o mais novo *Radauaantsemitismus* (antissemitismo agitado), não é, comparativamente, ocultado. Ele está sempre baseado em homossexualidade inconsciente ou consciente.

### (H) O ANTISSEMITA POLÍTICO-FASCISTA

Esse tipo é caracterizado por sóbria inteligência. Ele é frio, sem afeições, e é talvez o mais impiedoso de todos. Ele lida com o antissemitismo como

um artigo de exportação. Ele não tem gratificações imediatas na perseguição aos judeus, e se ele tem, é apenas acidental. Ele planeja deliberadamente seus extermínios. Ele sacia suas questões pelas medidas administrativas sem qualquer contato pessoal com as vítimas. Ele não tem que odiar os judeus; ele está apto a negociar com estrangeiros o mais amavelmente. Para ele o antissemitismo é reificado. Tal antissemitismo deve funcionar. Ele organiza as ações “espontâneas” das pessoas contra os judeus. Ele aferra-se em desprezar o partidário de seu próprio desejo, talvez até mais que os judeus. Ele é niilista também, mas de um modo cínico. “A questão judaica será resolvida apenas legalmente”, é o modo como ele fala sobre o frio pogrom. Enquanto Streicher é representativo do “agitador do judeu”, Goebbels é a encarnação do antissemita político-fascista. O enorme valor da propaganda do antissemitismo através do mundo pode ser a única razão dos líderes fascistas manterem o antissemitismo vivo.

## **(I) O AMANTE DO JUDEU**

Essas pessoas, para quem a distinção não faz diferença, para quem os chamados traços raciais parecem não essenciais, estão realmente livres do antissemitismo. Existem pessoas, contudo, que acentuam a diferença entre judeus e cristãos de modo amigável aos judeus. Esse tipo de pensamento contém um núcleo antissemita que tem sua origem na discriminação racial. Os judeus são excessivamente sensíveis a esse tipo de antissemitismo. A declaração do homem que professa ser particularmente carinhoso com os judeus por causa de suas qualidades “proféticas”, ou outras, é desconfortável para eles. Eles descobrem aqui a admissão e mesmo a apologia daquela discriminação secreta. Os tipos antissemitas mencionados acima podem mudar, por certos mecanismos, em diferenças marcadas a amantes dos judeus, e supercompensar seu ódio por meio de uma adoração exagerada e fundamentalmente perigosa. Por exemplo, no que corresponde ao antissemita “de nascença”, é o homem que sempre fala de sua experiência agradável com os judeus; para o antissemita sectário todas as seitas religiosas cristãs veneram os judeus como pessoas da

bíblia, que continuam o Sabbath, etc; para o antisemita da alta sociedade, é o cavalheiro bem-nascido que acha o antissemitismo agitado algo repulsivo.

## **SESSÃO V – OS JUDEUS NA SOCIEDADE**

É necessário procurar uma explicação para as causas de determinados traços de caráter judeus aos quais os antisemitas reagem negativamente. Essas causas encontram suas raízes na vida econômica dos judeus, em sua função particular na sociedade e nas conseqüências de sua atividade econômica.

### **(A) O “TRABALHO SUJO”**

A atividade econômica dos judeus está amplamente restrita ao comércio e à finança por causa de sua exclusão das ocupações imediatamente produtivas. Com a crescente significância do mercado na economia capitalista, cresceu muito a importância da finança e do comércio. Uma economia de mercado acentua a diferença entre os vários estratos da sociedade. A classe mais baixa se torna consciente de sua condição miserável nem tanto pela convivência com aqueles que são realmente poderosos (os líderes da indústria e da política), mas pelo contato com o intermediário, o mercador e o banqueiro. O ódio deles por esses intermediários explode na direção dos judeus que simbolizam esse elemento.

Desde os tempos antigos, a prática de oferecer crédito impediu o antagonismo entre os donos do poder e a população economicamente oprimida de lidar com catástrofes recorrentes. O camponês e o burguês, pesadamente sobrecarregados com impostos, poderiam manter suas cabeças sobre a água por um longo período por meio da utilização de crédito. Porém, a real situação econômica sobre a qual eles estão enganados pela instituição de crédito não melhora, mas se torna pior; um dia a conta será apresentada. E o homem médio, em sua maioria judeu, que tem cumprido uma função indispensável para a existência da sociedade, aparece como um fator eventual

de empobrecimento. As teorias antiquadas de Sombart sobre o papel dos judeus na economia moderna serão criticadas no curso dessa apresentação.

## **(B) O CAPITAL NÃO PRODUTIVO**

A difusão de *slogans* sobre a diferença entre capital produtivo e não produtivo se origina como uma manobra de distração. Essa tese, totalmente antiga por si mesma, foi propagada durante a briga entre os grupos industriais individuais e o capital bancário, entre a indústria de exportação e a indústria pesada, e entre diretores gerais e acionistas. Durante o período de inflação e deflação, a grande Alemanha depositou os fardos da Guerra Mundial sobre os devedores das classes média e baixa, e renovou seu equipamento produtivo. Eles usaram os banqueiros e os judeus, junto com os criadores do Tratado de Versalhes, como bodes expiatórios para a miséria do período de pós-guerra. A figura do chamado homem produtivo foi contraposta com aquela do parasita. As experiências das massas com o homem médio servem para facilitar a ressurreição e a aceitação do mito do judeu como um parasita não-produtivo. É difícil para o consumidor entender a necessidade econômica das funções intermediárias (comércio, propaganda, realização de técnicas financeiras) que servem para aumentar o preço do produto; é fácil para ele entender as funções imediatas da produção de bens. Portanto, muitos dos esquemas utópicos dos últimos poucos séculos propuseram uma sociedade na qual as funções intermediárias seriam completamente eliminadas. Tal proposta, por exemplo, aparece no mundo imaginário de Richard Wagner. Ele contrasta o produtivo e heróico Siegfried, uma mistura de manufactureiro munido, o líder, e o barulhento, com o anão, um símbolo dos proprietários, mercadores e dos proletariados eternamente queixosos e ressentidos. A declaração antissemita, segundo a qual uma parte da sociedade consiste de parasitas comendo à custa de outra classe social, não pode ser dominada simplesmente se estabelecendo uma trama para culpar um inocente. Sua origem histórica deve ser clarificada e compreendida.

### **(C) LEI RACIONAL**

Desde sua origem romana, a lei civil tem sido a lei dos credores. Ao passo que ela não reconhece diferença entre quaisquer grupos ou indivíduos, mas aponta para a proteção universal da propriedade, ela é um *a priori* antagonista para o devedor. Historicamente, por causa do papel de credor dos judeus, derivando de suas funções como banqueiros e mercadores, nós os encontramos habitualmente do lado da lei racional. Seus inimigos, por outro lado, apóiam uma lei natural vaga baseada no “instinto sonoro das pessoas”.

Existe uma justificativa real para a indignação do camponês condenado e executado ou do viúvo mergulhado na pobreza pela lei. Eles sentem que uma injustiça foi feita a eles porque eles caíram na miséria sem qualquer culpa moral de sua parte. A lei, contudo, age apenas como executora das tendências econômicas, tal como a totalidade da sociedade, e ela condena certos estratos sociais à aniquilação. Como uma categoria abstrata, a lei não apenas é inocente, mas age em grau considerável como um controle sobre essas tendências. O homem consciente, privado de sua propriedade por vereditos judiciais, que luta em vão contra seu adversário judeu e seu advogado judeu, é uma figura vertical. (por exemplo, na literatura, “O mercador de Veneza” e muitas obras modernas).

### **(D) A MENTALIDADE JUDIA**

A faculdade psicológica de abstração se desenvolveu com a função comercial e financeira. Na economia de mercadoria, os homens encaram uns aos outros como iguais, não de acordo com suas distinções de nascimento ou religião. Não importa quem eles são, mas apenas que mercadorias eles querem comprar ou vender. A noção abstrata da coisa como uma mercadoria corresponde com a noção abstrata de homem. Não faz diferença se alguém vende objetos de arte, algodão ou armas. As funções psicológicas que são desenvolvidas na base de tais condições econômicas e a mentalidade que

corresponde a elas não são, claro, limitadas aos judeus. O cálculo, chamado pensamento racionalista, tem sido desenvolvido principalmente por filósofos não judeus. O antissemitismo, todavia, procura identificar os judeus com essa escola de pensamento. Como uma questão de fato, os judeus historicamente tem tido sempre uma afinidade pela audácia, pensamento abstrato que se manifesta na idéia de um deus que olha todos os homens como iguais. Mas, essa não é a história toda. Existe também um “lado nebuloso” do espírito judeu, cheio de irracionalidade e mesmo mitologia (imagina-se as seitas místicas judaicas como um Hassidismo e superstições dos judeus que ainda sobrevivem). Em todo caso, mesmo se alguém supõe que “racionalismo” é a tendência principal entre os judeus, ele não tem motivo, em absoluto, para curvar-se ao veredito que os antissemitas lançam na base dessa suposição. A planificação que resulta desse pensamento abstrato é um pré-requisito para o desenvolvimento do mundo, em um sentido verdadeiramente humano, por meio desse tipo de pensamento priva as relações e coisas humanas de seus tabus e os traz para o reino da razão. Logo, os judeus sempre se encontraram na posição de frente na luta pela democracia e pela liberdade.

O estudo da chamada mentalidade judia explica por que os judeus são simultaneamente acusados de tendência capitalista e revolucionária, relativista e dogmática, tolerante e intolerante. Tais acusações contraditórias, de fato, não se refletem sobre os judeus, mas, ao contrário, sobre o estado do ser humano no atual período histórico. Os judeus são, contudo, os sustentáculos das inconsistências da sociedade.

## **(E) O CHAMADO FATOR RACIAL**

A questão da origem dessas qualidades que, de forma distorcida, são atribuídas aos judeus, deve ser respondida, em primeiro lugar, pela refutação da teoria racial. Como apresentado nas subseções anteriores, elas não são fenômenos biológicos, mas sociais, caracterizados primeiramente pela função econômica dentro da qual os judeus têm sido forçados a estar. Essas

explanções não devem ser aplicadas automaticamente, mas sim para nós vermos que certos traços intelectuais e de caráter são encontrados, de uma forma diferente, entre indivíduos e famílias judias que não se engajaram em ocupações com as quais traços “judeus” eram originariamente ligados. É exatamente esse fato que é citado várias vezes pelos teóricos raciais como prova de uma alegada hereditariedade biológica.

Os resultados da psicologia moderna podem ser aplicados a esse problema social com boas perspectivas de sucesso. Nós seguimos a tendência da psicologia moderna até o ponto de aceitar sua tese de que exatamente esses traços de caráter que provam ser relativamente constantes na vida do indivíduo podem ser encontrados na história e nas experiências da criança em seus primeiros anos. Em seu primeiro período de vida, a criança não entra em contato direto com seu meio social contemporâneo, mas apenas com seus parentes mais próximos. Mesmo eles se comunicam com ela menos de acordo com suas convicções racionais do que com comportamentos (tendências e impulsos) que têm sido inculcados neles durante os primeiros estágios de suas próprias vidas. Porém, pode ser mostrado que a maior impressão no infante não é feita pelo significado das palavras, mas pela expressão, pela voz, pelos movimentos dos pais. A alma da aprendizagem é a imitação. A faculdade da criança de imitar as expressões dos adultos é excessivamente sutil. Ela observa as sombras mais despercebidas e sutis de seus gestos. Então, acontece que inclinações, habilidades, ansiedades que há muito perderam seu significado real deixam sua marca na face e no comportamento das gerações vindouras.

O desenvolvimento dessa teoria em detalhe pode contribuir não apenas para uma refutação da teoria racial, mas para uma substituição efetiva dela. Eu lançarei luz sobre a gênese dos traços de caráter alemão, francês e inglês, assim como judeus. Mesmo o próprio antissemitismo se tornará mais compreensível naquilo que a aversão aparentemente natural a certos comportamentos, por exemplo, como pode ser chamado antissemitismo nativo de algumas partes da Alemanha depois do Nacional-Socialismo, pode ser explicado como uma transmissão psicológica de condições históricas anteriores.

## **SESSÃO VI – ALICERCES DO ANTISSEMITISMO DO NACIONAL-SOCIALISMO**

### **UM ENTENDIMENTO DA PROPORÇÃO DO ANTISSEMITISMO SOB O NACIONAL-SOCIALISMO PRESSUPÕE UM ENTENDIMENTO DO SISTEMA NAZISTA SOCIAL E POLÍTICO**

#### **(A) ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO NACIONAL-SOCIALISMO**

As raízes do Nacional-Socialismo na história alemã e européia em geral já foram discutidas nas sessões II e III. Uma pesquisa sobre filosofia e literatura alemã, desde o início do séc. XX, mostrará que a maioria das características ideológicas, tais como antirracionalismo, loucura comunitária, e a crença em um líder, tem dominado o pensamento público por algum tempo. Nós analisaremos a pré-história política do Nacional-socialismo, o ufanismo do período pré-guerra do qual, a despeito de suas características antissemitas, muitos judeus foram vítimas, nós também tentaremos entender as características específicas na base da qual as pessoas alemãs foram incitadas em 1914 e na conseqüente política de guerra como características das mesmas raízes históricas de onde o Nacional-Socialismo se desenvolveu. As razões políticas para a decadência da República de Weimar podem ser agrupadas em duas categorias: (1) A impossibilidade de um parlamento de trabalho por causa da expropriação da classe média (Os comunistas, Socialdemocratas, e Nacional-socialistas, juntos somavam 55,9 por cento de todos os votos em dezembro de 1930). Os partidos democratas conseqüentemente aceitaram a prática antidemocrática de permitir ao executivo governar por decretos emergenciais sem a sanção do parlamento, ou pelo menos de seus comitês. (2) A política de tolerância e aliança entre os poderes democráticos alemães e os Junkers prussianos e as sessões politicamente mais contrárias da indústria pesada alemã. O fato de que os Junkers e a indústria pesada finalmente abandonaram a colaboração com os democratas e concordaram que o confisco do poder pelo Nacional-Socialismo não pode ser explicado primariamente pelo seu amor ao novo sistema. Para encarar a questão do problema nacional assim como internacional,

a ajuda de forças democráticas não foi forte o suficiente. Eles escolheram a ditadura sem uma idéia clara do que estava por vir. Na República de Weimar, os poderes democráticos foram muito fracos desde o início. Como entre os dois extremos da antiga classe dominante e o setor radical dos trabalhadores, eles decidiram a favor do segundo sem primeiramente estarem aptos a construir gradativamente uma política forte por si mesmos. (O projeto cuidadosamente traçará os estágios individuais desse processo; alianças entre as uniões comerciais e Stinnes, entre Ebert e Hindenburg, entre o governo e milícias fascistas, o aceite da política de rearmamento, e assim por diante. O terrorismo dos campos de concentrações atuais foi antecipado nos assassinatos de líderes republicanos (Erzberger, Rathenau, Haase). A entrega dos poderes executivos ao amado Junker Hindenburg, com o consentimento de todos os partidos democráticos, selou o destino da República.

## (B) A MUDANÇA NA FUNÇÃO DO DINHEIRO

Na economia *laissez-faire* o homem de negócio poderia nos contar sobre o crescimento ou a diminuição do capital monetário que ele investiu em um projeto, o quanto isso era útil para a sociedade. Se uma fábrica ou qualquer outro negócio não pudesse seguir em paz com os desenvolvimentos econômicos gerais, isso era expresso em seus lançamentos financeiros e finalmente no desaparecimento do próprio projeto. O colapso dele era o julgamento do mercado em relação à sua utilidade social, e esse julgamento era proclamado em dinheiro. No Estado totalitário o mercado livre é abolido, e a habilidade do dinheiro de “julgar” deixa de existir. Agora o governo, preferencialmente junto com grupos pequenos da burocracia alemã contemporânea, determina quais negócios são úteis para seus propósitos militares, ou outros, e quais não são. O mercado, um tribunal anônimo e democrático, é substituído pelo comando e pelo plano daqueles no poder.

A importância da iniciativa de empreendedores privados, particularmente de grandes e pequenos bancos privados, desaparece. Banqueiros em países não totalitários às vezes revelam uma simpatia pelo

Nacional-Socialismo, mas eles têm uma compreensão incompleta de suas características econômicas. Nesse ponto certas ilustrações podem ser mencionadas: O depósito total em bancos privados alemães entre 1929 e 1938 decresceram de 2,300,000,000 para 950,000,000 marcos, e em todo o grande negócio bancário, de 12,408,000,000 para 6,804,000,000. Restrição de novas emissões de títulos, ações, e empréstimos financeiros reduziram as operações na bolsa de valores ao mínimo. O estado-direcionado estrangeiro transferiu o controle e a compulsão de vender câmbio, títulos e ações estrangeiras para o *Reichsbank* posteriormente reduzir a atividade bancária. O montante dos empréstimos do Reich a ser contribuído pelos bancos é determinado, em grande medida, pelo próprio Reich. O crédito, como um todo, é recolocado sob proteção do governo. O que se aplica aos bancos se aplica em parte ao comércio.

O declínio em importância das esferas da atividade econômica nas quais os judeus alemães estavam principalmente engajados é a base de terem se tornado supérfluos. A existência econômica deles estava intimamente conectada ao sistema de economia liberal e com suas condições judiciais e políticas. No liberalismo, como já mencionado, os incompetentes são eliminados pela efetividade dos mecanismos de competição, não importa quais seus nomes ou quais qualidades pessoais eles têm. No sistema totalitário, contudo, indivíduos ou grupos sociais inteiros podem ser mandados para a força a qualquer momento por razões políticas, ou quaisquer outras. A substituição do mercado pela economia planificada da burocracia do estado e o declínio do poder do capital financeiro tornou possível a política contra os judeus no Terceiro Reich.

### **(C) A IMPORTÂNCIA DA PROPAGANDA DO ANTISSEMITISMO**

Apenas as condições acima, no entanto, não são suficientes para explicar a manutenção e a intensificação das medidas antissemitas. O peso da fortuna roubada dos judeus para a economia totalitária é apenas um dos fatores em operação, embora realmente forte. Mas, qual é o efeito da propaganda

antissemita sobre certos estratos sociais de outros países? Enquanto o desgosto franco pelo antissemitismo do governo é revelado entre as massas alemãs, as promessas do antissemitismo são avidamente engolidas onde quer que o governo fascista nunca tenha tentado. Mesmo onde as simpatias antissemíticas das massas ainda não são toleradas, ou mesmo ainda não conscientemente por causa de uma tradição cultural democrática, as tendências sociais e psicológicas que mudam naquela direção são efetivas e podem se tornar ativadas de um dia para o outro. O governo alemão é altamente sensível para essas circunstâncias. Detrás de discursos pró-semitas dos educados, ele presente uma oportunidade para a orientação psicológica das pessoas por meio de apontamentos antissemíticas. Ele é um mestre em relacionar suas políticas com tensões potenciais ou existentes nos países estrangeiros. Assim como a religião formalmente ganhou terra estrangeira para a civilização e para a indústria do lar, hoje os missionários do antissemitismo conquistam o mundo para a barbárie e as exportações alemãs.

## SESSÃO VII – SESSÃO EXPERIMENTAL

Nessa sessão o projeto planeja fazer o novo, e na opinião de seus diretores, promete tentar tratar do fenômeno do antissemitismo experimentalmente. Essa investigação irá providenciar uma série de situações experimentais que se aproximará, tanto quanto possível, das condições concretas da vida nos dias atuais. Seu objetivo será visualizar o mecanismo das reações antissemíticas realisticamente. Desse modo, espera-se desenvolver a tipologia esboçada na sessão IV. Ao mesmo tempo, uma tentativa será feita em direção a experimentos de tal forma que promovam *insights* em diferentes grupos regionais e sociais em respeito ao antissemitismo.

O método mais satisfatório de experimentação parece ser o uso de certos filmes para serem apresentados a sujeitos de diferentes grupos regionais e sociais. As reações dos sujeitos serão obtidas em parte pela observação de seus comportamentos durante a apresentação, em parte por entrevistas, em parte pelos seus escritos sobre suas impressões. Naturalmente, o elemento de introspecção não pode ser totalmente eliminado, mas pela interpretação

cuidadosa e crítica dos resultados espera-se reduzir essas falhas a um mínimo.

O exemplo seguinte pode dar uma idéia do plano: um filme será feito, mostrando garotos entre 12 e 15 anos em cena. Uma discussão e uma luta acontecem. A relação de culpa e inocência é difícil de desemaranhar. A cena termina, contudo, com um dos garotos sendo espancado pelo outro. Duas versões do filme serão feitas. Em uma, o garoto espancado será encenado por um gentil, em outra por um judeu. Outra variação será introduzida pela apresentação de cada uma dessas versões com duas personalidades dramaturgas diferentes. Em uma versão, o garoto espancado terá um nome judeu, e na outra, um nome cristão.

Então, o filme será apresentado em quatro diferentes combinações:

- a) O garoto espancado é um gentil com um nome gentil;
- b) O garoto espancado é um gentil com um nome judeu;
- c) O garoto espancado é um judeu com um nome gentil;
- d) O garoto espancado é um judeu com um nome judeu.

Em qualquer um dos casos cada uma dessas combinações será mostrada para apenas um grupo de sujeitos, por exemplo, para garotos colegiais ou grupos de desempregados, que não serão informados anteriormente sobre o objetivo do experimento. Depois da apresentação, será dito para eles que a questão é a psicologia da testemunha presencial. Eles serão interrogados sobre o que ocorreu, a questão da culpa, o comportamento covarde ou corajoso do garoto espancado, etc. Comparando o testemunho dos grupos que viram uma versão do filme com o daqueles que viram outra, será possível chegar a conclusões sobre a magnitude da discriminação entre judeus e gentios na percepção e no julgamento.

Variações adicionais são, claro, possíveis. Por exemplo, todas as quatro versões podem ser apresentadas ao mesmo grupo em sucessão após longos intervalos. Os resultados dos questionamentos imediatamente posteriores à exibição do filme serão complementados por pequenas anotações à mão de observações feitas pela audiência durante tal exibição. Essas notas serão tomadas por uma pessoa que estará presente na sala, mas separada da audiência

por uma parede fina. Se, por exemplo, se tornar evidente que durante a exibição o garoto espancado com um nome judeu é defendido por algum dos participantes e acusado por outros, mas, em contraste, no final as testemunhas revelarem uma influência antissemita única, uma contribuição ao problema da suscetibilidade à influência antissemita terá sido feita. As possibilidades de variação são muito mais ricas do que pode ser indicado aqui. Planeja-se apresentar o filme não apenas em diferentes meios sociais em cidades do estado de Nova Iorque, mas também em outros estados. Nós esperamos conseguir a colaboração de universidades locais e institutos para esse propósito. O valor desses resultados dependerá, em grande escala, do número de séries experimentais empreendidas em cada meio social.

Nós acreditamos que, por meio desse e de outros experimentos similares, será encontrada uma maneira de estudar a distribuição do antissemitismo nos Estados Unidos. Embora esses métodos tenham sua margem de erro, nós acreditamos que outros as têm ainda maiores. Quando indagadas por questionários e entrevistas, as pessoas replicarão abertamente que elas não têm nada contra os judeus, de acordo com sua convicção consciente sobre a igualdade de direitos humanos. No experimento, contudo, onde a questão do antissemitismo não está diretamente levantada, os desejos secretos aparecerão claramente na influência inconsciente do julgamento. Se séries experimentais extensivas são empreendidas em vários meios sociais e em diferentes partes da América, um esboço mais objetivo do problema do antissemitismo nesse país poderia ser obtido. Será especialmente interessante chegar àquelas regiões onde vivem poucos judeus e onde a propaganda alemã acontece sem controle, por exemplo, em alguns estados do noroeste.

## BIBLIOGRAFIA

FICHTE, J. G. *About the French Revolution*. Livro I, cap. III, p. 114 e 115. [“Beitrag zur Berichtung der Urtheile des Publikums über die französische Revolution”, in “Gesamtausgabe” Band 1. 1. Stuttgart:Friedrich Frommann Verlag, 1964].

- GOETHE, J. W. *Wilhelm Meister's Years of Apprenticeship*. H.M. Waidson (trad). London: Calder, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Faust*. Anna Swanwick (trad). London, 1886.
- \_\_\_\_\_. Swiss Journey. Briefe aus der Schweiz. In: *Sämtliche Werke*, Band 2.2. Carl Hauser Verlag: Munich, s/d.
- HEGEL, G. W. F. Fragments of Theological Studies. In: Rosenhranz, K. *G. W. F. Hegel's life*, Berlin 1844.
- \_\_\_\_\_. *Phenomenology of Mind*. Oxford: Oxford University Press, 1977.
- HERDER, J. G. von. *Sämtliche Werke*, Band XXIV. Hildesheim: Georg Olms, 1968.
- KANT, I. *Anthorpolology from a Pragmatic Point of View*. Gregor Hague (trad e ed). Nijhoff, 1974.
- LEVINGER, L. J. *The Causes of Anti Semitism in the United States*. Philadelphia, 1925.
- LUTHER, M. Von den Juden und ihren Lügen. In: *Ausgewählte Werke*, Ergänzungsreihe, ErGänzungsreihe Band 3, München, 1936.
- SIMMEL, G. The Stranger. In: K. Wolff (ed). *The Sociology of Georg Simmel*. Glencoe: Free Press, 1950.
- TREITSCHKE, H. *History of Germany in the Nineteenth Century*. G. A. Craig (ed.). Chicago: University of Chicago Press, 1975.
- VOLTAIRE. *Essei sur les moeurs at l'esprit des nations*. 2 vol. Paris: Garnier, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Complete Works*, vol. 124, Banbury: Voltaire Foundation, 1975.